

## PROPAGANDA E IMAGINÁRIO SOCIAL NA IMPRENSA INTEGRALISTA: os casos de *A Offensiva* e *Monitor Integralista*.

### PROPAGANDA AND SOCIAL IMAGINARY IN THE INTEGRALISTA PRESS: the cases of *A Offensiva* and *Monitor Integralista*.

Ana Júlia Corrêa Ferreira<sup>1</sup>

Larissa Frazão Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta deste artigo é refletir sobre a construção do imaginário social da Ação Integralista Brasileira (AIB) por meio do emprego do modelo da propaganda fascista na imprensa do movimento, analisando especialmente os periódicos *A Offensiva* e *Monitor Integralista*, considerados os principais jornais integralistas. Cabe ainda uma breve análise comparativa do perfil dos periódicos, identificando a estruturação e função doutrinária específica no interior da hierarquia do movimento.

**Palavras-chave:** Integralismo; Imprensa; Imaginário social.

**Abstract:** The aim of this article is to reflect on the construction of the *Ação Integralista Brasileira*'s social imaginary through the press, specially the papers *A Offensiva* and *Monitor Integralista*, considered the most important newspapers of the movement. In this sense, it is first necessary a brief comparative analysis of the profile of each paper aiming to identify its particular doctrinal function within the movement's hierarchy, as well as the linguistic, symbolic and propagandistic resources that were used to solidify a common imaginary within the militants.

**Keywords:** *Integralismo*; Press; Social Imaginary.

#### Introdução

Nos anos 1930, as ideias fascistas circularam grande parte do mundo ocidental através das redes intelectuais transnacionais (Finchelstein, Pinto, 2019; Galimi, Gori, 2020). Nesse contexto, a América Latina foi palco da maior organização de tipo fascista fora da Europa, a Ação Integralista Brasileira (AIB) (Pinto, 2021, p. 94). Fundada em 1932, por Plínio Salgado, na ocasião do lançamento do *Manifesto de Outubro*, foi o primeiro movimento nacional de massas no Brasil, e perdurou até novembro de 1937, quando os partidos políticos se tornaram ilegais com a instauração do Estado Novo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGH/UFJF). Realiza pesquisas com foco na circulação de ideias fascistas na América Latina nos anos 1930. E-mail: julia.ferreira.ana@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGH/UFJF). Realiza pesquisas com foco no integralismo brasileiro. E-mail: larissa.fraza@hotmai.com.

Em grande medida, a ampla inserção social do integralismo se deu graças ao massivo e estratégico uso da imprensa como meio de divulgação e propaganda política (Oliveira, 2009, p. 14), haja vista que o jornal, em virtude de seu baixo custo de produção e o fácil acesso das camadas populares, era um dos veículos mais eficientes na promoção de ideias nas décadas iniciais do século XX. Antes mesmo da fundação da AIB, a imprensa já era o meio privilegiado por Salgado em sua ação política. Em 1931, ao lado de San Tiago Dantas, atuou como diretor do jornal *A Razão*,<sup>2</sup> no qual também publicou a coluna *Nota Política*, o que lhe permitiu articular os círculos intelectuais conservadores do Rio de Janeiro e São Paulo, sobretudo ligados aos periódicos *Hierarchia*, *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais* e *Política*, dando origem a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), em fevereiro de 1932, considerada o berço intelectual do integralismo.<sup>3</sup>

Já enquanto um movimento político, Oliveira (2017, p. 33) argumenta a existência de uma relação dialética entre a organização interna e a publicação de periódicos, ou seja, à medida que o movimento se desenvolvia eram editados novos jornais, que por sua vez eram responsáveis pela divulgação da doutrina aos futuros militantes; “com a expansão dos camisas-verdes, surg[iam] novos jornais e o ciclo se reinicia[va]”. Como meio de propaganda, a imprensa recebeu atenção prioritária dos dirigentes integralistas: após a fundação de um novo núcleo, demorava em média de 30 a 45 dias para que um jornal integralista passasse a ser publicado na mesma localidade (*Ibid*, p. 40). Em 1935, a AIB foi responsável pela criação do primeiro consórcio jornalístico do Brasil, *Sigma - Jornais Reunidos*, buscando um padrão específico para suas produções, em relação ao conteúdo e a forma como era dada a ler (Cavalari, 1999, p. 83), assim como maior alcance dos jornais.

Ao longo de sua existência, entre 1935 e 1937, o conglomerado reuniu 138 jornais, sendo dois de circulação nacional, 30 de circulação regional e 106 de circulação local, além de quatro revistas (Oliveira, 2009, p. 141).<sup>4</sup> Antes da publicação, estes jornais eram enviados para a Secretaria Nacional de Imprensa (SNI-AIB), órgão comandado por Salgado e Miguel Reale, responsável pela censura prévia dos periódicos. Apesar desta estrutura, os jornais regionais e locais não recebiam financiamento do movimento para sua manutenção, sendo comuns a existência de campanhas internas para bancar as publicações, além da venda de espaço nos jornais para anunciantes diversos. Mesmo assim, por conta da escassez de verbas, muitos impressos foram à falência após poucos meses de circulação.

Por sua vez, Salgado sempre defendeu abertamente o caráter doutrinário da imprensa:

Neste país de vastos latifúndios onde o jornal é o único instrumento de penetração da palavra escrita, e de massas urbanas, onde o espírito de conquista e de aventura de uma civilização trepidante de acompanhamentos não permite os vagares dos estudos, a imprensa não podia abandonar a sua **feição educacional, de suprema orientadora da nacionalidade**. (Salgado, *A Offensiva*, nº 364, 15 de dezembro de 1936, Capa). [Grifo das autoras].

Como no fascismo europeu, a imprensa integralista atuou no sentido de fornecer e fortalecer um determinado imaginário social,<sup>5</sup> ancorado em um certo horizonte de expectativas<sup>6</sup> cuja função última era a inserção dos militantes em uma determinada cultura política, entendida aqui como “um grupo de representações, portadores de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas” (Berstein, 2009, p. 31). O caráter popular da imprensa integralista a transformou no principal veículo disseminador deste sistema de representações do movimento, responsável por fornecer ao militante sua identidade própria, compartilhada com os demais de seu grupo, e contraposta aos inimigos comuns.

O propósito deste artigo é refletir sobre a construção do imaginário social do movimento por meio da propaganda fascista na imprensa, a partir da análise dos dois jornais mais importantes do movimento: *A Offensiva* e *O Monitor Integralista*, ambos de circulação nacional e cuja distribuição era obrigatória em todas as sedes, e a leitura obrigatória a todos os militantes. Pretende-se demonstrar como, a partir de seus distintos perfis, os dois impressos contribuíram para a inserção dos militantes no universo ideológico do integralismo. Para tanto, as conclusões de Adorno (2015) acerca do modelo de propaganda fascista são fundamentais pois entende-se que os recursos discursivos mobilizados na imprensa integralista, sobretudo a valorização da liderança de Plínio Salgado, característica comum aos periódicos do movimento, foram o veículo necessário à construção deste imaginário, inspirando-se no fascismo europeu.<sup>7</sup>

### *O caso de A Offensiva*<sup>8</sup>

O primeiro número de *A Offensiva* é datado de 17 de maio de 1934 e o último, de 19 de março de 1938. O jornal foi lançado pouco mais de um ano após a fundação da AIB, mas acompanhou quase toda a trajetória do movimento, desde quando ainda era uma associação civil, passando pela transformação em partido político e, por fim, em Associação Brasileira de Cultura. Em razão de sua característica popular, especialmente durante o período em que foi publicado em frequência diária, foi o periódico que melhor correspondeu ao ideal pedagógico defendido por Plínio Salgado como primordial à

imprensa no século XX, isto é, “o jornal doutrinário, porque o povo quer se orientar” (Código de Ética Jornalista, *Monitor Integralista*, nº 17, 20 de fevereiro de 1937, p. 14).

Segundo Simões (2009, p. 35), ao longo de sua existência, *A Offensiva* passou por três ciclos de publicação cujas características estavam relacionadas aos objetivos políticos estratégicos da AIB. Até a edição nº 54, de maio de 1935, Salgado ocupou a direção do periódico. Doravante, o cargo ficou sob responsabilidade de Madeira de Freitas, embora Salgado tenha continuado a exercer a orientação do impresso.<sup>9</sup> As informações acerca da equipe editorial do jornal ficavam dispostas na capa de todas as edições, com destaque para o nome do Chefe Nacional, seguidas da coluna de Salgado - o que demonstra a centralidade da afirmação da liderança de Salgado na construção do universo ideológico do integralismo.

**Quadro 1** - Ciclos de publicação do jornal *A Offensiva*

<b>1º fase</b>	nº 1 - nº 89	17 de maio de 1934 - 25 de janeiro de 1936
<b>2º fase</b>	nº 90 - nº 660	28 de janeiro de 1936 - 03 de dezembro de 1937
<b>3º fase</b>	nº 661 - nº 748	04 de dezembro de 1937 - 19 de março de 1938

**Fonte:** Renata Simões (*Ibid*).

Para Simões (2009, p. 36) o primeiro ciclo de publicação do jornal correspondeu à sua fase de maturação, ao mesmo tempo em que “o jornal parec[eu] cumprir sua função maior, fazendo-se perceber como um canal amplamente utilizado pela alta hierarquia do movimento para inculcar os ideais integralistas entre os ‘camisas-verdes’ e os não adeptos”. O jornal possuía uma média de oito a 12 páginas e circulava em frequência semanal, sendo que as vendas eram realizadas apenas nas sedes integralistas ou via assinatura, o que limitava sua audiência.

A transformação do periódico em diário era um desejo antigo de Salgado, que se concretizou em 28 de janeiro de 1936, marcando o início de seu segundo ciclo de publicação. A mudança veio acompanhada do incremento no número de páginas de cada edição: durante a semana, em média, dez páginas; já aos domingos, 16 páginas. A partir de então, passou a ser vendido também por intermédio das bancas, o que contribuiu para sua popularização. De acordo com Simões, nesse momento, o jornal assumiu um tom mais moderado: “perde[u] o fôlego em seu aspecto doutrinário e ganh[ou] em político” (Simões, 2009, p. 43). Essa postura correspondia à nova estratégia de ação da AIB enquanto um partido político com vistas a disputar as eleições municipais de 1936 e,

sobretudo, a presidencial, marcada para 1938. O foco do jornal deslocou-se da formação militante para a captação de eleitores.

Cabe destacar que durante o ano de 1935, embora a AIB já operasse enquanto partido, o discurso em *A Offensiva* permaneceu bastante radicalizado: algum grau de oposição ao governo Vargas ainda estava presente, as notícias sobre a milícia integralista possuíam certo destaque, a simpatia aos fascismos europeus e ao antissemitismo eram menos veladas,<sup>10</sup> e as matérias doutrinárias com enfoque na revolução integralista eram mais abundantes. Em geral, o vocabulário empregado no jornal era carregado de um conteúdo simbólico mobilizador e radicalizante. Qual a razão para a permanência deste discurso mais radical ao longo de 1935?

A relação entre o integralismo e o governo Vargas foi marcada por tensões. Originalmente, a AIB surgiu buscando disputar os rumos da Revolução de 1930, especialmente em contraposição à ala liberal do bloco revolucionário. Inspirados pelo fascismo europeu, alguns tenentes e intelectuais investiram na organização de movimentos de massa para garantir a continuidade daquilo que consideravam ser o “espírito revolucionário de 1930”; em contraposição à base do governo Vargas que primava “mais a ordem e a hierarquia do que a mobilização popular”.<sup>11</sup> Após a convocação da Constituinte em 1932, muitos intelectuais aliados aos tenentes foram cooptados pela AIB, enxergando nela o movimento que seria capaz de “realizar a frustrada Revolução Brasileira” (Ribeiro, 2023, p. 17) - sentimento que perdurou até meados de 1935, quando grande parte destes intelectuais deixaram de acreditar no poder do integralismo em cumprir tal tarefa (*Ibid*, p. 18).

O ano de 1935 foi crucial para a política nacional e internacional. A escalada fascista na Europa acirrava cada vez mais a disputa imperialista, tornando a guerra iminente. No Brasil, a aliança ou denúncia do fascismo europeu também tensionou o contexto político. Em oposição ao crescimento da AIB, cuja caracterização fascista era evidente a despeito das tentativas do movimento em afastar-se desta pecha, mobilizaram-se várias organizações, como a Aliança Nacional Libertadora, o Bloco Operário e Camponês e a Frente Única Antifascista. Entre 1934 e 1935, foram comuns os embates entre integralistas e seus opositores, além dos inúmeros desfiles e comícios dos primeiros em todo o país. Assim, considerando uma disputa política mais intensa, a AIB apostava ainda em um discurso mais radicalizado, com maior poder mobilizador, capaz de levar os militantes integralistas às ruas em defesa dos ideais do movimento.

Enquanto a milícia integralista operava legalmente, foram publicadas matérias ameaçando o armamento,<sup>12</sup> como o exemplar de 31 de maio de 1934, no qual Nogueira

Filho escreveu: “Se derem armas a esses homens, um verdadeiro exército, o que acontecerá? Se derem armas aos integralistas, e eles não de possuí-las um dia, acontecerá que o Brasil será transformado numa grande Nação” (*A Offensiva*, nº 3, 31 de maio, p. 1 *apud* Simões, 2009, p. 117, grifo das autoras). E mesmo nos artigos em que Salgado buscava legitimar o aspecto anti-armamentista da milícia, ele nunca escondeu que, caso necessário, “o membro da fileira integralista deveria estar preparado [...] para sair às ruas e lutar” (Simões, 2009, p. 132).

Com a extinção da milícia integralista, em março de 1935, o movimento investiu ainda mais no discurso radical como forma de manter os militantes engajados. O antissemitismo foi um dos elementos mobilizados nesse sentido. Apesar de presente desde o primeiro número do jornal, ao longo de 1935 houve uma investida ainda maior da direção do periódico no discurso antissemita. Em maio deste ano, foi publicado o primeiro artigo de Gustavo Barroso na coluna *Judaísmo Internacional*, cuja característica marcante foi o violento antissemitismo e constantes referências ao fascismo europeu. A coluna se manteve até março de 1936.<sup>13</sup>

A Intentona Comunista, ocorrida em novembro de 1935, também provocou sensivelmente o imaginário integralista a partir da associação entre o anticomunismo e o antissemitismo. A edição de *A Offensiva* publicada imediatamente após o evento estava recheada de matérias denunciando a suposta relação entre o Partido Comunista Brasileiro, o judaísmo e o comunismo internacional. Essa associação se realizava de maneira direta e indireta, considerando que a construção do discurso integralista anticomunista e antissemita era bastante semelhante: ambos estavam calcados na defesa da nação brasileira frente à ameaça estrangeira. Tanto os comunistas quanto os judeus eram acusados de destruir as bases morais da civilização cristã e de serem parasitas no interior do Estado brasileiro. Ambos eram representados como a antítese do militante integralista. Ou seja, mesmo nos escritos nos quais não havia referências diretas entre antissemitismo e anticomunismo, tal associação poderia facilmente ser realizada pelos leitores – e sugere-se que essa era a intenção da direção do periódico – pois a base do discurso era a mesma: a defesa do nacional diante da ameaça internacional.<sup>14</sup>

A edição logo após a Intentona, por exemplo, foi apresentada sob as seguintes palavras de ordem: “Aos heróis que tomaram na defesa da Pátria contra os assalariados de Moscou, Anauê! Anauê! Anauê!” (*A Offensiva*, nº 81, 30 de novembro de 1935, Capa). A manchete com maior destaque na capa referia-se à aliança entre o integralismo e o governo Vargas no combate ao “surto comunista”. Tratava-se da transcrição de uma correspondência entre Salgado e o presidente na qual o primeiro, “em sinal de

patriotismo”, ofereceu os serviços do integralismo ao chefe do governo, que por sua vez agradeceu poder “contar a qualquer hora com a energia e dedicação de todos os bons brasileiros”. O texto ainda ressalta que a aliança se fez necessária quando “os inimigos da Pátria procuram apunhalar o coração da nacionalidade” (*Ibid*).

A partir de então, a aproximação da AIB com o governo tornou-se a principal estratégia política do movimento, ainda que não tenha havido uma incorporação total deste por aquele. A fragmentação e fragilidade do campo oposicionista de esquerda após o fracasso da Intentona e a intensa perseguição varguista também contribuíram para a moderação do discurso integralista na imprensa. Assim, a partir de 1936, a transformação de *A Offensiva* em um jornal diário foi acompanhada da transformação do perfil do jornal, que passou a investir mais no noticiário político e internacional do que na formação doutrinária. O próprio Salgado admitiu uma mudança completa do jornal na ocasião.<sup>15</sup>

Por fim, a última fase do periódico remonta à atuação da Associação Brasileira de Cultura. Frente ao Estado Novo varguista, a direção nacional da AIB optou por uma posição conciliatória, almejando algum ganho político. Dessa forma, o conteúdo doutrinário de *A Offensiva* se tornou relativamente implícito: as ideias nacionalistas e anticomunistas permaneceram presentes, porém agora identificadas como “orientações a todos os brasileiros que ‘amam a sua pátria’ e dela desejam cuidar” (*Ibid*, p. 49).

Sobre a produção do conteúdo, em todas as fases, a maior parte das matérias não possuía autoria identificada, sendo fruto do trabalho do corpo editorial, composto por dirigentes e colaboradores. Também eram comuns traduções de matérias de periódicos estrangeiros,<sup>16</sup> e a publicação de matérias originais de outros impressos integralistas locais. Já os textos com autoria identificada, eram majoritariamente assinados pelos principais intelectuais e dirigentes do movimento, o que reflete a posição ocupada por essa classe na hierarquia do movimento: “Aos intelectuais, cabia o papel de ‘educar’ as massas, de preparar a doutrina e transmiti-la ao povo” (Simões, 2017, p. 66).

Uma das características mais destacadas de *A Offensiva* era a diversidade dos temas englobados em cada edição, o que se refletia na variedade dos cadernos e seções internas. Para Salgado, a função da imprensa era guiar as massas, sobretudo em um momento marcado pela confusão e angústia do povo, como ele identificava ser a década de 1930.<sup>17</sup> Assim, quanto mais integrado à vida nacional cotidiana, mais eficiente seria o jornal em sua função doutrinária.

Em razão disso, especialmente após a transformação em diário, o objetivo do periódico era abarcar todas as áreas de socialização da vida do leitor: além das notícias sobre o cenário político nacional e internacional, informes sobre as atividades

integralistas ao redor do Brasil e resoluções da Chefia Nacional, também eram publicadas matérias sobre teatro, cinema, literatura, música, esportes, saúde, educação, gastronomia, moda, cuidados domésticos, festas populares e folclore. Até mesmo cadernos inteiramente dedicados à atuação profissional como *Página Médica*, *Seção Agrícola*, *Seção Jurídica*, *Seção Odontológica*, *Seção Universitária*, *Seção do Marinheiro*, *Vida Militar etc.* A intenção, portanto, era envolver o leitor no universo ideológico do integralismo a partir de uma variedade de temas cotidianos, naturalizando o conteúdo doutrinário da AIB.

Por esta característica própria, *A Offensiva* foi um dos periódicos mais importantes na construção do imaginário do movimento, sobretudo mobilizando o modelo da propaganda fascista (Adorno, 2015, p. 143) – isto é, um conjunto de recursos discursivos cujo efeito é mais psicológico que racional na medida em que “não tenta convencer o povo e sempre permanece em um nível não argumentativo”. A propaganda fascista não opera através da lógica discursiva, mas emprega um tipo de “fluxo organizado de ideias. A relação entre premissas e inferências é substituída por vínculos de ideias baseadas em meras similaridades, frequentemente através da associação” (*Ibid*). Nesse sentido, a construção de inimigos fantasmas aos quais a propaganda fascista se opõe, com especial destaque à figura do líder neste combate, é um dos principais dispositivos no redirecionamento da energia libidinal das massas para fins políticos.<sup>18</sup> A afirmação da identidade fascista baseia-se fundamentalmente na oposição ao inimigo imaginado, pouco importando sua verossimilhança.

No caso do jornal integralista, as palavras de ordem que inauguraram sua primeira edição foram: “O imperialismo vermelho de Moscou estraçalha a bandeira da pátria brasileira, enquanto a burguesia se preocupa com a política mesquinha dos partidos. Mas, [...], os ‘camisas-verdes’ defendem o Pavilhão Nacional [...]” (*A Offensiva*, nº 1, 17 de maio de 1932, Capa, *apud* Oliveira, 2009, p. 302). Ainda na capa deste número, Oliveira (*Ibid*, p. 302-304) identifica que praticamente todos os textos empregam a mesma fórmula: a oposição ao comunismo e ao liberalismo como afirmação do integralismo; e o integralismo era identificado como uma reação legítima ao contexto caótico dos anos 1930.<sup>19</sup>

Cabe dizer que não havia qualquer definição objetiva de comunismo ou liberalismo até então; pelo contrário, tais termos normalmente identificavam um grupo bastante diversificado em termos políticos, sem consideração às contradições e oposições internas. A democracia-liberal era representada como um grande fracasso dada a corrupção da política aos interesses individuais, abrindo o caminho para a penetração dos



comunistas na vida nacional. Os termos “comunismo” e “liberalismo” carregavam, portanto, um conjunto de sentidos que os definiam como os inimigos do integralismo por excelência, sendo utilizados estrategicamente pois, como argumenta Oliveira (*Ibid*, p. 308) “sem os pontos de oposição entre estas ideologias não havia como se estabelecer a construção da identidade política da AIB”. Era ainda notável o esforço em associar o integralismo à genuína expressão da nacionalidade brasileira e, por conseguinte, o liberalismo e, especialmente, o comunismo à invasão estrangeira no Brasil.

Outro elemento da propaganda fascista em *A Offensiva* foi a substituição dos fins pelos meios, isto é, a exaltação da grandiosidade do movimento e da missão que este cumprirá no destino da humanidade; porém sem adentrar na descrição objetiva e positiva pois, como visto, a definição do integralismo na imprensa caminhava mais no sentido da afirmação negativa. Um artigo de Gustavo Barroso, datada de 1935, ilustra essa característica. Nomeado *O integralismo e a América*, tratava-se da transcrição de uma carta que recebera do uruguaio Teodomiro Varela de Andrade, exaltando o integralismo como um “verdadeiro dínamo transcendental”. Ao final, Barroso comentou:

Enquanto a nossa doutrina desperta o entusiasmo e a adesão manifestada publicamente por altos espíritos [...] os comunistas impotentes e mentalmente esterilizados continuam a repetir cediços lugares comuns e a virar a manivela dos realejos doutrinários do século XIX. [...]. Enquanto eles copiam servilmente as brochuras da mofada propaganda judaico-comunista, de parceria com todos os aventureiros guetos, importando ideias que já envelheceram lá fora, os Camisas Verdes criam um ritmo novo da vida, um espírito novo, novas ideias, novas fórmulas, novos pensamentos e vêm tudo isso atravessar mares, terras e fronteiras. Os comunistas importam pensamentos. Os Camisas Verdes já podem dar pensamentos ao mundo. (Barroso, *A Offensiva*, nº 71, 21 de setembro de 1935, Capa).

Essa matéria foi publicada em duas partes, iniciando na capa e finalizando na última página, o que lhe conferia grande destaque pois o leitor abria e fechava o jornal justamente nestas páginas. Essa opção de diagramação se explica em vista do caráter apelativo do texto de Barroso, cujo conteúdo reforçava uma série de estereótipos fundamentais ao imaginário integralista. Como a identificação do comunismo com o passado, uma ideologia arcaica, imitada e importada; em oposição ao integralismo, tido como um impulso moderno e, por isso, inspirador de um movimento mais amplo.

A abundante utilização das fotografias em *A Offensiva* também contribuiu nesse sentido, representando a AIB como um grandioso e ordenado movimento nacional. Fotos dos desfiles, manifestações, congressos e eventos oficiais da AIB normalmente eram dispostas na capa do jornal, acompanhadas de manchetes de grande apelo.<sup>20</sup> Também

havia muitas fotos dos dirigentes nacionais em visitas e palestras; dos militantes organizados em frente às sedes; acampamento dos Plinianos; partidas de futebol; e mesmo casamentos e aniversários integralistas. Como aponta Simões (2009, p. 93), a intenção era transmitir homogeneidade nas imagens: “Para que os ‘camisas-verdes’ parecessem um só [...] as posturas nas fotos eram padronizadas, e os jornais e documentos esforçavam-se para não apresentar indícios de individualismo”.

A valorização da educação física e dos esportes em *A Offensiva* também cumpriu uma função doutrinária, reforçando as noções eugenistas e racistas do movimento. Não à toa os termos “higiene” e “saúde” normalmente estavam vinculados às matérias sobre cultura física. A coluna *Conselhos de Hygiene* foi uma das poucas constantes ao longo de toda a publicação do jornal, o que demonstra a importância da educação do corpo como ferramenta doutrinária. Para Simões (2009, p. 133) “o esporte era entendido como uma higienização do corpo, uma forma de torná-lo mais apto e digno dos valores integralistas. [...] também cumpria um papel de formação moral, preparando o corpo para receber qualidades superiores”.

Já para as mulheres, a cultura física orientava-se para a valorização da feminilidade, preocupando-se fundamentalmente com a fertilidade e a maternidade, vista como “a mais encantadora e sublime missão da mulher” (Simões, 2009, p. 155). Eram destinadas às seções femininas as propagandas de produtos infantis, roupas, notícias sobre ações de assistência social e colunas de moda e beleza, reforçando os papéis de gênero atribuídos às mulheres pelo integralismo. Acima de tudo, era essencial que as mulheres fossem saudáveis, belas e versadas na doutrina da AIB, de modo que pudessem educar seus filhos para que se tornassem os futuros soldados da pátria.

O perfil de *A Offensiva*, portanto, o caracteriza como um jornal doutrinário, especialmente propagandístico, cujo conteúdo era altamente apelativo e psicológico. Em todas as suas fases de publicação, o modelo da propaganda fascista foi empregado, embora com algumas alterações dado os objetivos estratégicos da AIB em seus distintos momentos. Este foi utilizado como recurso na construção do imaginário social do movimento, oferecendo aos militantes um senso de identidade comum, “um modo de ser, de se comportar, de vestir, de falar, de calar, de andar, de casar, de morrer, de se embelezar, de amar, de odiar..., ou seja, um modo muito próprio e uno de ser integralista” (Simões, 2009, p. 180).

### *O caso de Monitor Integralista*

O *Monitor Integralista*, enquanto boletim oficial da AIB, desempenhou grandiosa importância no desenvolvimento do movimento e de sua organização. Publicado pela primeira vez em dezembro de 1933, foi o primeiro periódico integralista de circulação nacional e era responsável por divulgar “todos os atos oficiais do movimento no âmbito nacional e toda a toda matéria de interesse geral do Integralismo em qualquer dos âmbitos nacional, provincial, municipal ou distrital” (*Monitor Integralista*, nº 20, junho de 1937, p. 8). Em suas páginas, a rígida estruturação interna do movimento era apresentada e tornada obrigatória aos militantes; a nova ordem social, propagada pelos ideais da “Revolução Integral” e que iria implementar o “Estado Integral” no Brasil estava, a priori, delineada nas páginas do *Monitor Integralista*.

Por sua relevância, o periódico em questão é amplamente utilizado como fonte na historiografia produzida sobre o movimento. Seu conteúdo assinala os percursos da institucionalidade da AIB, mostrando sua história e a expansão de suas fileiras ao redor do Brasil. No entanto, o *Monitor Integralista* foi pouco explorado como objeto central de estudo. Suas especificidades e trajetória raramente são elencadas, perdendo de vista como o principal jornal organizacional da AIB representa um espaço que elucida a evolução do movimento e uma tentativa de complexificar sua institucionalidade. Ao expor a forma como o movimento se organizava, através da publicação dos regulamentos dos órgãos internos e temáticas que deveriam ser recebidas em todos os núcleos e sedes do Brasil, o boletim oficial da AIB é um potente espaço no entendimento do discurso integralista e de seu imaginário propagado.

Em uma primeira tentativa de organizar o regimento interno do jornal em 1934, o artigo 11º estabeleceu que o “‘Monitor Integralista’ só publicará atos, notas e notícias oficiais e, em nenhuma hipótese, artigos mesmo de doutrina ou estudos” (*Monitor Integralista*, nº 6, primeira quinzena de maio de 1934, p. 8). No entanto, ao analisar as 22 edições do periódico, constata-se que seu *corpus* desempenhou um papel doutrinário no seio do movimento integralista e auxiliou no dimensionamento da própria doutrina, corroborando com a ideia de que a “Revolução Integral” seria o agente responsável pela renovação nacional.

Assim, o *Monitor Integralista*, enquanto projeto coletivo, reunia e disciplinava forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público (Luca, 2017, p. 2). O jornal, que expunha a estrutura organizativa da AIB e resoluções da “Chefia Nacional”, também possuía uma regulamentação própria através de conjunto de normas e regras específicas ao seu funcionamento. Tal ordenação é composta por 5 capítulos, e sua autoria é atribuída ao diretor do *Monitor*, Victor Pujol, e ao “Chefe Nacional”, Plínio Salgado.

Dentre seu conjunto de artigos, uma espécie de legislação, o “Regulamento do Monitor Integralista” (*Monitor Integralista*, nº 20, junho de 1937, p. 8) previa que o jornal deveria circular entre todas as sedes e núcleos da AIB, sendo obrigatória sua aquisição por parte de todas as autoridades e leitura indispensável a todos os Camisas-verdes.

Uma das intenções do *Monitor* era garantir a uniformidade da estrutura interna do movimento e assegurar que todos os núcleos do Brasil, um país de dimensões continentais, se conduzissem da mesma maneira. Por isso, segundo o artigo 3º do primeiro capítulo, todo ato publicado no jornal em questão tinha força de execução, independentemente de sua transmissão por outros meios, e suas ordens impostas deveriam ser executadas imediatamente por parte das autoridades e cumpridas por todos os integralistas, exceto quando o “Chefe Nacional” ordenar o contrário. Além disso, uma vez que o periódico opera como um órgão oficial da AIB, sua sede de publicação e administração será onde a “Chefia Nacional”, uma espécie de gabinete de Salgado, estiver localizada. Cabe ressaltar que a preferência das matérias a serem publicadas seria determinada pelo “Chefe”, assim como ele deveria aprovar todas essas matérias, fatos que mais uma vez assinalam o poder total de Salgado frente ao movimento e ao *Monitor Integralista*.

Sem periodicidade definida, era previsto no regulamento que o periódico em questão seria publicado segundo as necessidades do movimento e das ordens da chefia. Tal fato acabava por atrasar a publicação de certas resoluções em seu devido tempo. Abaixo consta a relação das datas de publicação quantidade de páginas de cada uma:

**Quadro 2** - Periodicidade do *Monitor Integralista*

Edição	Data	Número de páginas
nº 1	Primeira quinzena de dezembro de 1933	4
nº 2	Segunda quinzena de dezembro de 1933	4
nº 3	Primeira quinzena de janeiro de 1934	4
nº 4	Segunda quinzena de janeiro de 1934	4
nº 5	Segunda quinzena de fevereiro de 1934	6
nº 6	Primeira quinzena de maio de 1934	12
nº 7	Segunda quinzena de agosto de 1934	10
nº 8	Primeira quinzena de dezembro de 1934	12
nº 9	3 de março de 1935	8
nº 10	7 de maio de 1935	12
nº 11	25 de agosto de 1935	12
nº 12	3 de outubro de 1935	10 (faltam páginas na digitalização)
nº 13	Janeiro de 1936	10
nº 14	15 de maio de 1936	10
nº 15	3 de outubro de 1936	20
nº 16	5 de dezembro de 1937 <sup>21</sup>	16
nº 17	20 de fevereiro de 1937	16
nº 18	10 de abril de 1937	15
nº 19	12 de maio de 1937	16
nº 20	11 de junho de 1937	16

nº 21	17 de julho de 1937	16
nº 22	7 de outubro de 1937	20

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Dessa forma, o formato do jornal era algo previsto neste conjunto de normas. Ele deveria manter-se em formato médio, com suas seções habituais distribuídas em três colunas. A impressão era em papel jornal. Não é explicitado no regulamento as devidas dimensões do periódico, no entanto, segundo Pedro Fagundes (2017, p. 284), seu tamanho era de “tabloide”. Em relação à diagramação, percebe-se que o periódico alterou sua estrutura ao longo do tempo, de forma que suas seções e conteúdos sofreram mudanças, assim como o número de páginas.

As primeiras edições divulgavam movimentações ocorridas nas províncias integralistas, as mudanças de pessoal nos cargos burocráticos dos órgãos da AIB, algumas breves notícias sobre assuntos diversos de interesse do movimento, como as “Bandeiras” pelo Brasil, desfiles, concentrações e pareceres internacionais sobre AIB. Com a ocorrência do Congresso de Vitória no início de 1934 e suas novas proposições acordadas, a partir da 6ª edição, os detalhes da institucionalidade da AIB começaram a ser delineados, com a descrição dos regulamentos dos departamentos e secretarias. A seção “Resoluções da Chefia Nacional” também foi inaugurada nesta edição, espaço em que Salgado divulgava suas deliberações, como nomeação de cargos, exclusões, titulações, em suma, todas as novas diretrizes relacionadas ao movimento.

Não só a estrutura do periódico se transformou ao longo do tempo, sua subordinação também. O “Gabinete da Chefia” comandou o jornal da edição nº 1 à nº 8, ou seja, de seu início em 1933 a finais de 1934. A partir da resolução nº 65, publicada nesta oitava edição, o comando ficou a cargo da Secretaria Nacional de Organização Política (S.N.O.P), fato que perdurou até edição nº 15. Através da resolução de nº 183, publicada em outubro de 1936, a subordinação do jornal é novamente transferida para a “Chefia Nacional”. Uma outra mudança percebida nas páginas do *Monitor Integralista* é a presença de imagens. Até a 15ª edição, não havia nenhuma fotografia em suas páginas, algo modificado a partir desse volume. Em todos os exemplares, com exceção da 21ª edição, continha um retrato de Plínio Salgado em local de destaque.

Ainda de acordo com o “Regulamento do Monitor Integralista”, na parte de publicidade só seriam publicados anúncios e ineditoriais (parte do jornal vendida para publicação de informações de terceiros) que não colidissem com os interesses do movimento. É observado desde a primeira edição a presença de propagandas. Em um momento inicial, até especificamente a décima edição, havia um pequeno número de

anúncios. A partir desse número, intensificou-se as publicidades de diferentes marcas e produtos, sendo observado na edição nº 15, por exemplo, uma página completa destinada somente a propagandas.

Uma outra importante resolução contida no regulamento faz menção ao fato de que o *Monitor Integralista* é equiparado, na estruturação do movimento, a um “Departamento Nacional”. Assim, corroborando com essa importância institucional do periódico, a partir da edição de nº 9, passou a constar no cabeçalho a marcação “(órgão interno)”; na análise aqui projetada, julga-se que essa novidade é devida às mudanças estruturais do movimento, que se tornou mais organizado após o Congresso de Vitória ocorrido em 1934 e, desde o evento, havia um empenho em apresentar e colocar em práticas as novas diretrizes. Tal fato assinala mais uma vez a significância do *Monitor* para a AIB, que era compreendido como uma unidade da corporação, um órgão, um elemento essencial para a conservação da organização do corpo estrutural do movimento.

Em relação aos custos de produção, todas as despesas para a manutenção eram pagas com a própria receita do jornal. Ninguém deveria obtê-lo gratuitamente, inclusive as autoridades e órgãos da AIB, mas até a edição nº 14 ele era distribuído sem custos para alguns órgãos, e cada edição assinalava as turmas que receberiam os exemplares de graça. Nenhuma resolução foi publicada sobre a mudança dessa regra, apenas constando na área “Expediente” da edição nº 15 que todos deveriam adquirir os exemplares mediante o pagamento. Esse “Expediente” era o espaço destinado às informações sobre o próprio periódico, onde constavam os custos e mensagens. Todas as edições, sem exceção, possuem essa coluna.

O jornal, até a edição nº 10, possuía como base um escritório na sede central de São Paulo – SP, sendo transferido para o Rio de Janeiro-RJ entre a nona e décima edição, ou seja, entre março e maio de 1935. Logo, para garantir que os exemplares chegassem em todas as áreas de atuação da AIB ao redor do Brasil, os militantes deveriam enviar o dinheiro através de cartas para o “Diretor” Victor Pujol e solicitar os volumes, de forma avulsa ou por assinaturas. Os valores mudavam dependendo da forma de aquisição. O mais barato era adquirir as assinaturas por 24 ou 12 números. Obter o exemplar avulso do mês ficava um pouco mais custoso, já o número atrasado tornava-se ainda mais caro. Além disso, não consta nas páginas do *Monitor* onde esses jornais eram impressos,<sup>22</sup> como também não menciona a forma pela qual eles chegavam nas outras cidades que não a da sede. Acredita-se que os volumes eram enviados às regiões mediante a solicitação ao “Diretor”, sendo encaminhadas aos núcleos e sedes, e lá os militantes obtinham os

exemplares. Uma outra explicação plausível seria o envio, via correio, das edições até a casa dos militantes.

Como colocado, esse periódico foi pouco explorado como objeto pela historiografia e, dentre os estudos de referência sobre a imprensa integralista, ressalta-se a tese de doutorado de Rodrigo Oliveira (2009). Todavia, ao mencionar o *Monitor*, Oliveira (p. 150) afirma que existem apenas 16 edições do jornal e, em sua sistematização, aponta que apenas uma edição foi publicada em 1937, a de nº 16. Tais colocações são necessárias de serem reconsideradas, pois Oliveira desconsiderou a existência de mais seis edições. O equívoco gerado pode ter sido motivado pelo fato de no cabeçalho da edição nº 16 realmente constar a data “5 de dezembro de 1937”. Nenhuma pesquisa até o momento considerou, ou mesmo afirmou, que essa datação publicada estava incorreta.

Provavelmente, ocorreu um erro na edição do jornal e o ano foi colocado de maneira errada, já que o nº 15 é de outubro de 1936, e o nº 17 de fevereiro de 1937. Uma outra pista que deixava esse erro claro é o emprego dos “Anos”, detalhe presente no cabeçalho do jornal. O “Ano I” corresponde a 1933. Respectivamente, o “Ano II” a 1934, “Ano III” a 1935, “Ano IV” a 1936 e o “Ano V” a 1937. Excepcionalmente, os exemplares do quinto ano possuem o grifo “(5º da Era Integralista)” após a exibição da data. Contudo, se Oliveira não tiver tido contato com as edições nº 17 em diante, ele foi impossibilitado de perceber esse pormenor.

Isto posto, é percebido no integralismo o dimensionamento de um imaginário social coeso, que ao promover um projeto político alternativo ao poder vigente, criou um conjunto de representações que buscou legitimação na sociedade brasileira dos anos de 1930. Assim, a doutrina integralista é composta pela utopia do “Estado Integral”, os argumentos e características que a estruturam. À vista disso, compreende-se que há nas páginas do *Monitor Integralista* a projeção dessa quimera, espaço expositivo em que ocorre a materialização do horizonte de expectativa do movimento. Há também o desenvolvimento de um discurso da “ordem”, que através de uma estética de convencimento, arrasta os indivíduos para a ação em comum.

Enquanto local de exposição dos bens simbólicos que redigia o movimento, constata-se que uma das proposições do periódico em questão era de universalizar seus pressupostos e garantir a uniformidade de suas manifestações, fato elucidado por sua obrigatória leitura, como também pela prescrita presença em todas as instalações físicas da AIB. Analisando o conteúdo publicado no *Monitor Integralista*, o grande volume de regras e normas preconizadas nos diversos regulamentos e protocolos descritos emergem a ideia de organização e de ordem. No *Manifesto de Outubro* (1932, p. 2), o entendimento

projetado acerca da nação brasileira é que ela deve ser organizada, seus cidadãos precisam estar unidos, pois a “união íntima e perfeita entre seus filhos” iria garantir que não houvesse fracionamentos; qualquer processo de divisão do povo era condenado. Nesse limbo, a necessidade primeira dessa unidade nacional era a hierarquia e a disciplina, sem as quais só haveria desordem (*Ibid*).

Por isso, a rígida estrutura publicada, apresentada como o recurso e forma de se garantir o sucesso das ambições integralistas, era minuciosamente expostas nas páginas do jornal. Como havia “uma rede de órgãos relacionados burocraticamente, desde o nível nacional até os bairros urbanos” (Trindade, 1979, p. 172), o jornal era o veículo mais barato e rápido de compartilhar essas normas, como garantir que todos os militantes acessassem. Os regulamentos estruturavam os departamentos, secretarias e a milícia através de um detalhamento de suas funções e deveres. Assim, essas representações e as normas constituíam “um *corpus* de prescrições que [deveriam] ser seguidas quando se quer conhecer ou agir” (Chauí, 1978, p. 122) e, à vista disso, o que era apresentado ao integralista pela organização difundida no *Monitor Integralista* era imprescindível de ser sabido e seguido. Sua força de execução, como demonstrado nas diretrizes do próprio jornal, assegurava a prática e a importância do que era veiculado.

Conseqüentemente, esse *corpus* de regras e prescrições, ao possuírem uma estética e uma finalidade, acabavam por auxiliar no dimensionamento do imaginário social na qual os Camisas-verdes idealizaram, complexificando sua doutrina. A rigidez e a estrutura corroboravam com a ideia de ordem, unidade e mobilização, aspectos fundamentais a “Revolução Integral”, que iria implantar o “Estado Integral” no Brasil. Essa luta constante pela transformação da nação, da pátria ordenada, foi transformada em objeto de desejo coletivo; um desejo de liberdade, que legitimava as amarras da dominação (Dutra, 2012 p. 139), na qual as características degenerativas da era moderna estavam sufocando o Brasil. Segundo Eliana Dutra (2012, p. 140), a “explosão patriótica”, que ocorreu tanto à direita, como a esquerda no espectro político brasileiro nos anos de 1930, acabou por manipular a insegurança dos sujeitos individuais, operando como um discurso que reforça os receios e inquietações, ao mesmo tempo que oferece as soluções. O imaginário da pátria una, que combate a atomização da sociedade, empreende uma utopia que se insere no imaginário social dos integralistas, que enxergam na AIB o caminho para esse novo mundo.

Nesse empreendimento em dispor ideias aos militantes e garantir que eles as recebam, assimilem e executem, é observada a presença de uma estética de convencimento ao longo do jornal. Pela sua narrativa, a todo momento, há uma investida



em influenciar e aconselhar o leitor militante a partir dos preceitos da AIB. A manipulação hábil das palavras acaba por reforçar o imaginário social integralista, colocando esse imaginário a serviço de uma razão manipuladora (Baczko, 1985, p. 301). Tais formas de induzir e cativar o Camisa-verde em muito auxiliaram na produção da coesão do movimento, gerando uniformidade e ordenamento, assim como comprometimento com a doutrina e execução das ações práticas.

Inclusive, pelos estatutos da AIB publicados na edição nº 6, todo integralista deve assinar uma declaração em que jura estar de pleno acordo com a doutrina e estrutura da AIB, sendo submetido a todas as deliberações da sua “Chefia”, quer diretamente, quer através dos valores hierárquicos (*Monitor Integralista*, nº 6, primeira quinzena de maio de 1934, p. 3). Portanto, não havia espaço para desobediência e incoerência com a doutrina da AIB, sua prática era passível de pena ou mesmo exclusão.

No que se refere à organização integralista, Hégio Trindade, um dos autores de maior relevância no estudo da AIB e do integralismo, assinala que tal estruturação

desempenha também o papel de instrumento de socialização político-ideológica dos militantes e de preparação dos futuros cidadãos do Estado Integralista. Além da função de formação ideológica, desempenhada especialmente pelos órgãos responsáveis de difusão doutrinária (Secretaria de Imprensa e Propaganda), a organização da AIB prevê uma série de mecanismos e atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamentos compatíveis com a concepção de sociedade e Estados integralistas. Esses agentes de socialização ideológica articulam-se entre si para assegurar o aprendizado político-ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um complexo de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral, cívica e física (1979, p. 188).

Observando mais atentamente a questão da preparação dos futuros cidadãos do “Estado Integral”, é curioso perceber que todos os arranjos, como a estrutura burocrática dos órgãos que regiam o movimento, a doutrina que edificava os militantes, a milícia e a codificação dos ritos e símbolos, correspondiam a uma espécie de encenação da futuridade que os integralistas ansiavam e aguardavam. Relembrando Koselleck, era uma espécie de antecipação da linha em que o futuro se abriria. Nesse sentido, o *Monitor Integralista* possuía um papel central na manipulação dessa socialização e preparação; a maneira pela qual os Camisas-verdes recebiam formalmente a organização era pelo jornal oficial da AIB. Aquele espaço representava a condição embrionária do conjunto de normas e leis que iria vigorar no regime integralista do amanhã.

Em relação a essa socialização político-ideológica, na prática, ocorria uma verdadeira comunhão e agrupamento dos militantes. Os núcleos da AIB eram espaços

físicos onde os Camisas-verdes relacionavam-se entre si e formavam-se a partir da doutrina, como também exerciam a prática de ações que eram previstas no seio desse conjunto de ideias. Assim, o *Monitor* correspondia ao veículo de informação que sistematizou essa socialização a nível nacional, já que os principais congressos e encontros de militantes eram ali ordenados e divulgados. A nível local, há também a exposição das normas e condutas que deveriam ser seguidas nos núcleos municipais e provinciais. Destaca-se a publicação dos *Protocolos e Rituais* na edição nº 18.

Ademais, o periódico analisado representa mais uma vez um espaço de reforço da liderança e do imaginário de espetacularização em torno da figura de Plínio Salgado. O glorioso “Chefe Nacional” comunicava-se oficialmente com a coletividade integralista através do *Monitor*. Não só por meio das “Resoluções da Chefia”, em muitas edições consta mensagens e cartas, dirigidas a destinatários distintos, ora em momentos para todo o corpo social da AIB, como também aos dirigentes e cargos do movimento. Ressalta-se seu empenho na comunicação acerca da eleição presidencial que seria realizada em 1938.

Uma vez que o golpe do Estado Novo, ocorrido em 10 de novembro de 1937, invalidou a futura votação. Salgado, o escolhido candidato do então partido da AIB, foi impossibilitado de concorrer ao cargo. O que as páginas do jornal demonstram é a preparação integralista para o pleito. Além da publicação do “Manifesto programa” do “Chefe”, houve uma votação interna para decidir qual Camisa-verde seria o concorrente nas eleições. Obviamente, como consta na edição nº 21, através do “Plebiscito Nacional Integralista”, por 846.354 mil votos, Plínio Salgado era o escolhido da AIB para concorrer à presidência, um fato de suma importância para o movimento e que as páginas do *Monitor* refletem. Salgado era o líder supremo, e o jornal, enquanto mídia de massas, fábrica e emite as imagens do chefe (Baczko, 1985, p. 314). O poder carismático atribuído a esse indivíduo assenta-se no imaginário que o grupo social projetava sobre o chefe carismático (*Ibid*).

Quando se menciona essa quantidade de votos para Salgado, e considerando os outros presentes nessa lista, é colocado que foram apurados 849.492 votos. Em outros momentos no jornal, é mencionado o número de membros do movimento; na edição nº 22, com a presença de gráfico impositivo, consta 1.352.000 inscrições, um número suspeito. Levando em consideração a narrativa exposta no *Monitor*, compreende-se que esse exagero no montante de Camisas-verdes tem o intuito de evidenciar a ideia de alta mobilização que o movimento alcançava. Segundo Leandro Gonçalves e Alexandre Oliveira (2016, p. 161), esse excesso foi utilizado como estratégia de impacto político e

demonstra que, apesar da sua inegável inserção na sociedade brasileira, o integralismo precisava estar constantemente demarcando sua força no cenário político nacional.

O número real de inscritos é algo que foi constantemente questionado pelos estudiosos do integralismo, e Gonçalves e Oliveira (2016) chegaram ao número de cerca de 200.000 militantes. Esse dado foi alcançado nas cartas enviadas por Salgado ao seu genro, Loureiro Junior. No ano de 1946, o “Chefe” afirmou, por meio de uma correspondência, que os membros viveram sob a ilusão das estatísticas da secretaria de propaganda e dos quadros de Pujol (*Ibid*, p. 168), o já mencionado diretor do *Monitor Integralista*. Assim, destaca-se o papel do periódico no dimensionamento dessa imaginação acerca das fileiras volumosas da AIB. Perante a legitimidade que esse veículo de imprensa possuía, e considerando a importância da relação dada entre imaginário e informação (Baczko, 1985, p. 313), um dado como este contribuiu assiduamente para o reforço do imaginário integralista e sua aceção de movimento altamente grandioso.

Além disso, em relação à questão do convencimento e da estética por detrás dela, é preciso considerar alguns mecanismos pelos quais a AIB a empreende. Utilizando o recurso da repetição, operação extremamente comum a práxis integralista, o jornal analisado ilustra o propósito de induzir o destinatário. O reforço de certas ideias em periódicos distintos e nos livros produzidos pelos intelectuais do movimento era algo muito comum, e acabou por fortalecer ideias e práticas essenciais. Nas páginas do *Monitor*, na maioria das edições, o primeiro texto estampado corresponde aos estatutos da AIB. Esses referiam-se à “Denominação - Sede - Fins”, e sintetizavam as principais concepções do movimento, como sua finalidade de realizar o programa do integralismo no Brasil, e após a transformação em partido político, a objetivação da reforma do Estado, por meio da formação de uma nova cultura filosófica e jurídica.

Não só esses estatutos foram largamente publicados, nas primeiras edições há, ao longo das páginas, quadros com frases curtas que elencam ideias centrais do movimento. Essas palavras de impacto reforçam algumas propostas, como também indicam ações. A título de exemplo, consta na edição nº 1, assim como na nº 9, o seguinte texto:

O Integralista deve ter iniciativas. Sempre que tiver uma hora de lazer, ocupe-a com serviço da Ação. Se não tiver, invente. E quando chegar a uma cidade, onde não haja Núcleo Integralista organizado, trate de fundar um. Use sempre seu distintivo. Tenha sempre uma camisa verde e atenda a convocação imediatamente (*Monitor Integralista*, São Paulo, n. 1, primeira quinzena de dezembro de 1933, p. 1).

Percebe-se também a existência de quadros com um tom mais doutrinário, como a presente também na edição nº 1:

O Integralista deve amar sua Pátria. Que nunca seja ofendida na presença de um Integralista. Os comunistas e separatistas, principalmente, que jamais ousem ferir a Nação Brasileira na presença de um Integralista. Eles devem ter o castigo imediato... (*Monitor Integralista*, São Paulo, n. 1, primeira quinzena de dezembro de 1933, p. 1).

Dessa forma, esses foram alguns exemplos que permeiam as páginas do *Monitor Integralista*. Não se sabe se esses pequenos quadros foram publicados apenas para preencher lacunas na diagramação do periódico. O fato é que eles assumem uma atribuição de convencimento. A estética de seus textos, em um tom imperativo, indica o modo como o integralista deve pensar, agir e sentir. Isso é algo presente não só nessas pequenas sentenças espalhadas ao longo do jornal. Há também, além dos regulamentos, muitos espaços de indicação de questões distintas. Ressalta-se a indicação bibliográfica, quase sempre de produções de intelectuais integralistas, e com os mesmos títulos e autores.

Por fim, um outro ponto importante ao movimento e repetidas vezes publicado no *Monitor Integralista* diz respeito à “Taxa do Sigma”. Operada como uma espécie de auxílio financeiro paga pelos militantes, houve um grande empenho em convencer os Camisas-verdes de enviarem dinheiro para a manutenção da AIB. Consta, por exemplo, a seguinte frase na edição nº 22: “A TAXA DO SIGMA deve ser aplicada a todos os ‘Camisas-Verdes’. Dispensá-la é negligenciar as ordens do Chefe Nacional” (*Monitor Integralista*, n. 22, outubro de 1937, p. 9). Assim, associavam o pagamento da taxa a uma questão moral e de bom comportamento, sua desobediência é encarada como uma violação das ordens do “Chefe”.

Longe de esgotar todas as proposições e ponderações que circulam o *Monitor Integralista*, essa breve pesquisa buscou evidenciar algumas considerações sobre o periódico e sua narrativa, como também compreender sua importância doutrinária e seu papel na construção do imaginário integralista. Mesmo que sua função oficial não fosse doutrinária, o boletim oficial da AIB assumiu essa atribuição. De forma distinta do periódico *A Offensiva*, o *Monitor* explanou e complexificou a doutrina ao sistematizar a organização e a institucionalidade integralista. O jornal se comportou como um dos pilares do movimento, bem como uma forma de materializá-lo, já que a união e a uniformidade nacional eram atingidas pelo conteúdo das páginas analisadas.

## Conclusão

Inspirando-se no fascismo europeu, a imprensa foi a principal arma da AIB na construção e solidificação do imaginário social comum ao movimento, integrando os militantes à cultura política integralista. A grande variedade de periódicos coordenados pela SNI-AIB tinha por objetivo alcançar o maior número de militantes, penetrando profundamente em sua subjetividade através da propaganda personalizada e altamente psicológica, haja vista que especialmente os periódicos de circulação nacional forneciam um sentimento de identidade compartilhada entre os grupos integralistas dispersos pelo Brasil. A despeito das características específicas de cada periódico, a grande maioria dos jornais integralistas cumpriu uma importante função doutrinária.

As características formais e o conteúdo de *A Offensiva* claramente o caracterizam como um jornal doutrinário e propagandístico, cujo objetivo último era integrar o militante à massa integralista a partir das várias áreas de socialização da vida cotidiana, trazendo um aspecto de naturalidade à formação ideológica. Já o *Monitor Integralista*, muitos autores consideram como um periódico puramente informativo, servindo quase exclusivamente como diário oficial. Contudo, analisando a coleção completa, percebe-se que o jornal cumpriu também uma importante função doutrinária: não apenas os artigos dessa natureza estavam presentes nas páginas do *Monitor*, ainda que de forma fragmentada; mas a própria delimitação organizativa exposta no jornal foi um veículo para integração dos militantes à massa integralista. Como argumenta Adorno, a tendência à superorganização dos grupos fascistas corresponde à necessidade própria de integração dos militantes sob um imaginário comum, fazendo-os entenderem-se como parte de um único grupo, contraposto àqueles que estão de fora.<sup>23</sup> Ou seja, o conteúdo do *Monitor* reflete a íntima relação entre a doutrina e a organização no integralismo: a última era a forma da primeira.

A valorização da liderança de Salgado foi a principal característica compartilhada entre os periódicos e merece ser destacada, considerando que demonstra a validade do argumento de Adorno (2015, p. 166) acerca de ser a figura do líder essencial na conformação do grupo fascista. Isso porque o imaginário ao redor do líder soberano é capaz de reanimar a ideia do pai autoritário, promulgando “uma atitude tanto mais requerida do seguidor fascista quanto mais se comportamento político se torna irreconciliável com seus próprios interesses racionais como pessoa privada”.

A associação entre o integralismo e o fascismo europeu também foi um ponto relevante e delicado para o movimento, considerando que sua denúncia da importação das ideias estrangeiras como uma ameaça à nacionalidade tornava contraditória a referência direta ao fascismo. Para Vasconcellos (1979), é justamente essa relação

ambígua que demarca a característica específica do integralismo enquanto discurso fascista – o que pode ser facilmente verificado na imprensa periódica. Em *A Offensiva*, sobretudo no editorial de Salgado, foram publicados artigos afirmando a brasilidade do integralismo; ao mesmo tempo, também procurou-se legitimar nacionalmente a AIB a partir da associação ao fascismo, considerando ambos como oriundos do mesmo movimento espiritual em reação ao materialismo. Para além disso, o emprego do modelo da propaganda fascista – mesmo nos textos em que Salgado assegurava o caráter nacional do movimento – ao longo de toda a publicação do jornal tornava clara a associação com o fascismo europeu.

Por sua vez, no *Monitor Integralista*, os textos dessa característica foram quase inexistentes em virtude do próprio perfil do jornal, orientado para a divulgação de informações oficiais e estruturais do movimento. Nesse sentido, a referência ao fascismo era indireta, suas associações estavam intrínsecas às formas organizacionais inspiradas no homólogo europeu. Muito embora o tema fosse pouco mencionado, por exemplo, enquanto na segunda edição afirmavam que a AIB é um novo movimento de tipo fascista no Brasil, no último volume (nº 22), ao se proporem a narrar a história dos integralistas, é percebido uma tentativa de desvinculação ao modelo fascista, atestando a originalidade do caso. Dessa forma, tal ambiguidade evidencia que há um empenho em desfrutar da irradiação fascista no período de formação e, uma vez articulado e legitimado no cenário nacional, o movimento procurou se afastar de sua matriz.

Portanto, após perceber a forma como os dois mais importantes periódicos integralistas de circulação nacional contribuíram para a inserção dos militantes no universo ideológico do integralismo, é compreendido que ambos se complementavam em suas proposições, de modo que a necessária organização fosse exposta, assim como a interpretação dos fatos a luz da doutrina integralista. A comparação entre *A Offensiva* e o *Monitor Integralista* mostra-se profícua ao atestar que ambos se comportaram como jornais doutrinários, apesar de apresentarem meios e narrativas distintas entre si.

## Referências

*A OFFENSIVA*, Rio de Janeiro, nº 71, 21 de setembro de 1935.

*A OFFENSIVA*, Rio de Janeiro, nº 79, 16 de novembro de 1935.

*A OFFENSIVA*, Rio de Janeiro, nº 81, 30 de novembro de 1935.

*A OFFENSIVA*, Rio de Janeiro, nº 364, 15 de dezembro de 1936.

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). *Manifesto de Outubro de 1932*. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932.

ADORNO, Theodor. *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. *Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: Edusc, 1999.

CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. A Revolução Conservadora no Brasil. Nacionalismo, Autoritarismo e Fascismo no pensamento político brasileiro dos anos 30. *Revista Política Hoje*, v. 27, 13 de maio de 2018, p. 138-161. DOI.: <https://doi.org/10.51359/1808-8708.2018.231710>.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 1930*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

FAGUNDES, Pedro. Páginas Verdes: Publicações da Ação Integralista Brasileira no estado do Rio de Janeiro. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*, vol. 1. 2º edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 279-298.

FERREIRA, Ana Júlia Corrêa. O discurso antissemita na Ação Integralista Brasileira. *Revista Manduarisawa*, Manaus, v. 7, n. 1, p. 113 - 139, 2023.

GALIMI, Valeria; GORI, Annarita. *Intellectuals in the Latin Space during the Era of Fascism: Crossing Borders*. London, New York: Routledge, Taylor and Francis Group, 2020.

GONÇALVES, Leandro Pereira; OLIVEIRA, Alexandre. “Não é vergonha nenhuma sermos duzentos mil”: vivendo na ilusão com os verdadeiros números do integralismo. O PRP como resposta à nova realidade do Brasil. *História e Cultura*, Franca, v. 5, n. 3, p. 155-174, dez. 2016.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*, vol. 1. 2º edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*, vol. 2. 2º edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*, vol. 3. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- MONITOR INTEGRALISTA*, São Paulo, nº 1, primeira quinzena de dezembro de 1933.
- MONITOR INTEGRALISTA*, São Paulo, nº 6, primeira quinzena de maio de 1934.
- MONITOR INTEGRALISTA*, Rio de Janeiro, nº 10, 7 de maio de 1935.
- MONITOR INTEGRALISTA*, Rio de Janeiro, nº 17, 20 de fevereiro de 1937.
- MONITOR INTEGRALISTA*, Rio de Janeiro, nº 20, 11 de junho de 1937.
- MONITOR INTEGRALISTA*, Rio de Janeiro, nº 22, 7 de outubro de 1937.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Orientador: Sandra Maria Lubisco Brancato. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- PACHECO, Gabriela Santi. *Panorama e o projeto integralista: uma análise da revista intelectual*. Orientador: Leandro Pereira Gonçalves. 2021. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.
- PASCHOALETO, Murilo Antonio. *O integralismo e o mundo: uma análise das percepções internacionais do integralismo a partir do jornal A Offensiva (1934-1938)*. 2012. Orientação: João Fábio Bertonha. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.
- PINTO, António Costa. *A América Latina na Era do Fascismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021, p. 92.
- PINTO, A. C.; FINCHELSTEIN, F. (Org.). *Authoritarianism and corporatism in Europe and Latin America: crossing borders*. London; New York: Routledge, 2019.
- RIBEIRO, R. F. Por uma Revolução Conservadora: o Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos e o fascismo no contexto da Revolução de 1930. *Sociologia & Antropologia*, v. 13, n. 2, 2 jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752023v13210>.
- REHEM, David Costa. “*As forças secretas da Revolução*”: anti-semitismo verde-oliva na Bahia (1933-1937). Orientador: Iraneidson Costa. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.
- SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.



SIMÕES, Renata Duarte. *A Educação do Corpo no Jornal A Offensiva (1932-1938)*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: SIMÕES, Renata Duarte; GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*, vol. 1. 2º edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difel, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia Curupira. Análise do discurso integralista*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

---

<sup>1</sup> A AIB foi fundada como associação civil, denunciando a inviabilidade histórica dos partidos políticos no Brasil. Em 1935, após o Congresso de Petrópolis, transformou-se em partido político, segundo as normas do Código Eleitoral de 1932, e centro de estudos e de educação moral, física e cívica (*Monitor Integralista*, nº 10, maio de 1935, p. 7). Em dezembro de 1937, a AIB transformou-se novamente em associação civil, nomeada Associação Brasileira de Cultura (ABC).

<sup>2</sup> O jornal *A Razão* foi fundado por Alfredo Egydio de Souza Aranha, antigo colaborador de Salgado. Foi utilizado como meio de divulgação dos escritos políticos do último, lançando as bases do conteúdo posteriormente publicado no *Manifesto de Outubro* (1932). Durante a gênese do integralismo, a imprensa foi utilizada sobretudo como meio de promoção dos escritos de Salgado para as elites intelectuais, as quais procurava direcionar para criação de um “novo movimento de ideias”, segundo o próprio. A imprensa era sobretudo um espaço de sociabilidade intelectual. Por outro lado, após a fundação da AIB, os periódicos integralistas serviram primordialmente como veículo de propaganda. A exceção foi a revista *Panorama*, considerada de alta cultura e destinada aos intelectuais. Esta distinção entre os intelectuais e os militantes correspondia à visão elitista da cultura do integralismo. Em *A Quarta Humanidade* (1934, p. 87), Salgado propôs que, frente à falta de cultura, própria do povo brasileiro, cabia ao integralismo ser uma vanguarda cultural; já em *Despertemos a nação* (1935, p. 173), afirmou que essa deficiência era gerada pela falta de leitura. Assim, por cultura, ele compreendia a noção de “posse de determinados conhecimentos, tais como os ligados à arte, à literatura, à filosofia e à ciência” (Cavalari, 1999, p. 87); sendo dever dos intelectuais integralistas disseminarem a cultura tida como necessária ao povo brasileiro. Para uma análise detalhada da revista *Panorama*, consultar Pacheco, 2021.

<sup>3</sup> Logo após a vitória da Revolução de 1930, houve uma intensa disputa entre as forças que compunham a Aliança Liberal, de modo que os primeiros anos do Governo Provisório foram marcados pela indefinição ideológica. As oligarquias dissidentes e os liberais pressionavam para a constitucionalização do regime, enquanto os tenentes defendiam a manutenção do poder discricionário como forma de expurgar as antigas elites. Buscando consolidar sua influência no governo, tenentes de diversas regiões do país tentaram organizar um movimento de base nacional através das legiões revolucionárias, grupos que tinham por objetivo assegurar a continuidade do “espírito revolucionário” de 1930. Plínio Salgado, logo após retornar da Europa, foi responsável pela redação do “Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo”, publicado em março de 1931. A partir de então, Salgado tornou-se conhecido entre o grupo aliado aos tenentes no Rio de Janeiro, como San Tiago Dantas, Antonio Gallotti, Thiers Martins Moreira e Hélio Vianna – todos estudantes da Faculdade Nacional de Direito e membros do Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos, cujo periódico oficial era a *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*. Em abril de 1931, inspirado no documento paulista, San Tiago Dantas redigiu o “Manifesto da Legião Revolucionária Fluminense” e, algumas semanas depois, iniciou a organização da Legião Revolucionária do Distrito Federal. Ainda em abril deste ano, Dantas mudou-se para São Paulo a fim de iniciar os preparativos para publicação do jornal *A Razão*, ao lado de Salgado, cuja primeira edição foi lançada de junho de 1931. Para uma exposição mais detalhada sobre estas redes de sociabilidade, consultar Ribeiro, 2023.

<sup>4</sup> Além dos periódicos sob orientação da SNI-AIB, havia os jornais independentes, frequentemente editados pelos próprios militantes, cujo discurso era alinhado ao integralismo. Oliveira (2009, p. 178) identifica três jornais deste perfil: *O Povo*, *Jornal da Polícia* (RJ) e *Der Kampf* - de Nova Hamburgo (RS); Rehem (2011) aponta ainda *O Imparcial* e *Diário de Notícias* (BA).

<sup>5</sup> Por imaginário social, entende-se “a produção de representações da ‘ordem social’, dos atores sociais e suas relações recíprocas (hierarquia, dominação, obediência, conflito etc.), bem como das instituições sociais, em particular as que dizem respeito ao exercício do poder, as imagens do ‘chefe’, etc.” (Baczko,

1985, p. 309). Nesse sentido, cada temporalidade possui suas formas de imaginar, reproduzir e renovar seu imaginário social apoiando-se num vasto repertório simbólico disponível, que atua como um pano de fundo para a articulação e dimensionamento de seus próprios objetivos. Por isso, através dos imaginários sociais “uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de certos papéis e posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc” (*Ibid*).

<sup>6</sup> Operando a categoria proposta por Reinhart Koselleck (2006) e sua proposição de que a modernidade suscita a espera por algo melhor no futuro, o horizonte de expectativas permite iluminar os anseios de futuro dos integralistas, que seriam alcançados por meio do “Estado Integral”. O horizonte de expectativas refere-se “aquela linha por trás da qual se abre o futuro” (*Ibid*, p. 311), e é “a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico” (*Ibid*, p.313). Para os integralistas, o futuro poderia ser presentificado com a instauração do “Estado integral” e justamente por isso a organização da AIB seguia uma estrutura pré-estatal, como sugere Héglio Trindade. Projetava-se que a nova era seria melhor do que a passada, os males que assolavam a sociedade brasileira seriam reparados por meio da doutrina e estrutura do integralismo.

<sup>7</sup> Freud (*Psicologia de massas e análise do eu*, 1921), argumenta que as massas se organizam com base em um vínculo libidinal entre o líder e seus seguidores cujo mecanismo inconsciente remonta à relação entre o pai e a horda primordial - uma relação autoritária. Para Adorno (2015), entre as massas fascistas, este vínculo é estabelecido por meio de um modelo de propaganda personalizada e psicológica, operando no sentido de fornecer ao leitor pequenas gratificações a nível pulsional. Ou seja, “ela é psicológica por causa de seus objetivos irracionais e autoritários, que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, mas somente através do despertar habilidoso de ‘uma parte arcaica do sujeito’” (*Ibid*, p. 165). Adorno considera que os objetivos do fascismo eram irracionais, porém, no interior da economia pulsional, era racional a escolha dos indivíduos em integrar a massa fascista. Ou seja, mesmo que inconscientemente, as pessoas optam por pertencer à massa. Os indivíduos escolhem ativamente, mesmo que inconscientemente, pertencer à massa fascista, e esta escolha é fundamentalmente influenciada pela agitação do líder fascista pois “somente a imagem psicológica do líder é apta a reanimar a ideia do pai primitivo, potente e ameaçador” (*Ibid*, p. 165). Para mais, consultar Adorno, 2015.

<sup>8</sup> Por razões didáticas, optou-se, primeiramente, pela apresentação do caso de *A Offensiva*, apesar do *Monitor Integralista* ter sido lançado cerca de um ano antes.

<sup>9</sup> Segundo Ribeiro (2023, p. 17), a partir de 1935, San Tiago Dantas assumiu a direção do jornal *A Offensiva*. Essa informação não consta na tese de Simões (2009) centrada na análise completa do jornal. Seguindo essa referência, a equipe editorial do periódico era composta por: Plínio Salgado (direção e orientação), Madeira de Freitas (direção), Thiers Martins Moreira (secretaria), Hélio Vianna (secretaria), Joaquim Santos Maia (gerência) e Francisco Cassiano Gomes (gerência) - durante a primeira fase de publicação; na segunda fase de publicação, Ordival Gomes e Victoriano de Oliveira assumiram a gerência e a secretaria do jornal, respectivamente. Embora San Tiago Dantas não tenha integrado a direção editorial, contribuiu com vários textos para o jornal.

<sup>10</sup> Um exemplo bastante ilustrativo foi a matéria publicada por Barroso, em 21 de setembro de 1935: “A história nos prova que o judaísmo se caracteriza pelo domínio e o exclusivismo duma raça... [...] Ora nos no Brasil não temos, não podemos e não devemos ter preconceitos de raça [...] Combatemos muito justamente o racismo judaico que cria dentro do Brasil, para judeus nascidos no Brasil colunas israelitas de israelitas aqui nascidos. [...] Já se ve que Hitler não inventou a questão judaica e que nada mais fez do que defender sua pátria do parasitismo perturbador desse povo” (Do Norte, Amos latente e patentes, *A Offensiva*, nº 71, 21 de setembro de 1935, p. 3).

<sup>11</sup> Uma das principais distinções entre a estratégia política do integralismo e do governo Vargas foi justamente a aposta na mobilização das massas. Enquanto o primeiro primava pela ação organizada dos militantes como demonstração da força do movimento, o segundo se manteve mais reservado quanto a isso. Para mais, consultar Cassimiro, 2018.

<sup>12</sup> As notícias sobre a milícia integralista não tinham uma coluna ou frequência fixa em *A Offensiva*, sendo geralmente publicadas antes dos desfiles com as instruções para os militantes, tais como os juramentos.

<sup>13</sup> Para uma exposição mais detalhada do discurso antisemita na AIB, consultar Ferreira, 2023.

<sup>14</sup> Nesta edição, Barroso publicou em sua coluna *Judaísmo Internacional*: “Entretanto, o judaísmo criador do comunismo, inspirador de certos liberais e dos internacionais, fomentador da Aliança Nacional Libertadora, destruidor de pátrias, esse está palitando os dentes fora do barulho e gozando com a luta entre os cristãos”. Barroso ainda mencionou um suposto relatório da polícia carioca que comprovaria a ligação entre o PCB e uma organização revolucionária israelita nomeada Brazcor. E afirmou: “Creio que, depois dessa descoberta, os brasileiros compreenderão que nós, integralistas, temos razão e darão combate por todos os meios ao seu alcance a esses revolucionários israelitas que, não tendo pátria, querem fazer revolução na pátria dos outros. Triste nota [...] dão os membros do Partido Comunista Brasileiro aliando-

se ou, melhor, obedecendo a esses judeus, rebotalhos [sic] dos guetos, verdadeira lama humana” (Do Norte, Judaísmo-Maçonaria-Communismo, *A Offensiva*, n° 81, 30 de novembro de 1935, p. 3).

<sup>15</sup> Quando da mudança para diário, Salgado afirmou: “Desse modo, os que se habituaram a ler *A Offensiva* até hoje, notarão uma mudança completa. Não terão mais o jornal exclusivamente doutrinário e, de certo modo, fechado em seu mundo. [...] Aqueles que se habituaram à rigidez doutrinária, à precisão absoluta do ‘controle’ que se evidenciava, frase a frase, num sentido uniforme, que ia desde o artigo de fundo às colaborações e destas ao noticiário, notarão agora uma plasticidade maior, não até o ponto de prejudicar a intransigência de um pensamento, mas até a linha necessária a não isolar o jornal dos factos objetivos da vida do país”. (Salgado, *A Offensiva*, n° 91, janeiro de 1935, p. 2 *apud* Paschoaleto, 2012, p. 58).

<sup>16</sup> A partir da segunda fase, *A Offensiva* passou a contar com alguns correspondentes internacionais, além de receber muitas matérias de agências estrangeiras, especialmente italianas e alemãs, que eram normalmente traduzidas por José Miccolis (Paschoaleto, 2012, p. 63). Segundo Paschoaleto (*Ibid*), grande parte das fotografias internacionais publicadas no jornal foram enviadas pela empresa alemã Condor-Lufthansa, responsável por várias ações de propaganda nazista com ênfase na América Latina.

<sup>17</sup> “De acordo com o Código de Ética (1936), a imprensa não devia dar visibilidade a uma pluralidade de pensamentos, mas ser partidária, porque o momento era de angústias e incertezas e o povo precisava de orientação, de uma imprensa que o representasse. Para orientar o povo, Salgado prescrevia aos jornalistas do Sigma: ‘Faze do jornal um órgão de educação e criação, e jamais um órgão passivo, escravizado às massas’. Aos jornalistas, intelectuais da AIB, cabia [...] ‘fazer do jornalismo uma força de transformação social, um veículo de pensamentos construtores, um campo de debate doutrinário’” (Simões, 2017, p. 67).

<sup>18</sup> “Um dos princípios básicos da liderança fascista é manter a energia libidinal primária em um nível inconsciente, de modo a desviar suas manifestações de uma forma adequada a fins políticos. Quanto menos uma ideia objetiva, tal como a salvação religiosa, desempenha um papel na formação das massas, e quanto mais a manipulação de massas se torna o único fim, tanto mais o amor completamente não inibido precisa ser recalçado e transformado em obediência” (Adorno, 2015, p. 163).

<sup>19</sup> O editorial de Plínio Salgado nesta edição trata sobre o início da revolução integralista como uma resposta à “Esta longa escravidão ao capitalismo internacional; [...]; essa situação deprimente em face do estrangeiro; este cosmopolitanismo que nos amesquinha; estas lutas internas que nos ensanguentam; essa aviltante propaganda comunista, que desrespeita todos os dias a bandeira sagrada da Pátria [...] Para nós, porém, esta revolução integralista tem as energias sagradas do próprio espírito da Pátria em rebeldia, em agressividade contra uma civilização que criou a luta de classes, que desorganizou as bases morais das nacionalidades e que nos amarrou, [...], como escravos miseráveis, aos pés da mesa onde o capitalismo internacional se banqueteia surdo ao gemido dos povos” (Revolução Integralista, *A Offensiva*, n° 1, 17 de maio de 1934, Capa *apud* Oliveira, 2009, p. 304).

<sup>20</sup> Um exemplo é a manchete a seguir: “O Congresso da Bahia e o imponente desfile de Camisas-Verdes pelas ruas de São Salvador desmoralizam completamente a indústria das ameaças e dos boatos com que os comunistas tentam perturbar a marcha triunfante da maior revolução americana” (*A Offensiva*, n° 79, 16 de novembro de 1935, Capa).

<sup>21</sup> A data de publicação da edição n° 16 foi listada como consta no cabeçalho do periódico. Compreende-se que ela foi colocada de maneira errônea. Mais à frente será discutida essa questão.

<sup>22</sup> Na ocasião em que o *Monitor Integralista* mudou para o Rio de Janeiro, *A Offensiva*, que também tinha sede nesta cidade, era impressa na gráfica do *Diário de Notícias* (Simões, 2009, p. 36). Apenas no ano de 1936 que o periódico passou a ser impresso em uma gráfica própria. É provável que o mesmo tenha acontecido com o *Monitor* ao ser transferido para o Rio.

<sup>23</sup> “Talvez uma das razões para esse impressionante fenômeno é o fato de que as massas que o agitador fascista tem que encarar [...] não são, primariamente, organizadas, mas as multidões ocasionais da grande cidade. O caráter fracamente unificado de tais multidões heterogêneas torna imperativo que disciplina e coerência seja enfatizadas à custa da demanda centrífuga e não canalizada de amar. Parre da tarefa do agitador fascista consiste em fazer a multidão acreditar que ela é organizada como o exército e a igreja. Por isso a tendência para a superorganização” (Adorno, 2015, p. 163).

Artigo recebido em 29/02/2024

Aceito para publicação em 16/07/2024